# jules verne

## as aventuras da

# família raton

Piu

# as aventuras da família raton

tradução **Julia da Rosa Simões**

ilustrações **Catarina Bessell**

Piu

# 1

Era uma vez uma família de ratos formada pelo pai Ratônio, pela mãe Ratânia, pela filha Ratine e pelo primo Ratão. Seus empregados eram o cozinheiro Ratorello e a criada Ratolina. Esses admiráveis roedores viveram aventuras tão extraordinárias, queridos leitores, que não posso deixar de contá-las a vocês.

Tudo aconteceu no tempo das fadas e dos feiticeiros – época em que os animais ainda falavam. Imagino que seja desse período que venha a expressão "dizer besteiras". No entanto, as bestas não diziam mais besteiras do que os homens sempre disseram e ainda dizem! Então prestem atenção, pois a história já vai começar.

# 2

Numa das cidades mais bonitas daquele tempo, e na casa mais linda da cidade, morava uma fada boa, que se chamava Genirosa. Ela era tão boa quanto uma fada podia ser, e também muito amada. Dizem que naquela época todos os seres vivos estavam submetidos às leis da metempsicose. Não se assustem com essa palavra: significa que havia uma escala hierárquica na Criação e que cada ser vivo subia seus níveis sucessivamente, até chegar ao último, a forma humana. Portanto, um ser nascia molusco, tornava-se peixe, depois ave, quadrúpede e, por fim, homem ou mulher. Como vocês podem ver, era preciso ir do estado mais rudimentar ao mais perfeito. Às vezes, porém, era possível cair de nível, devido à influência maligna de algum feiticeiro. Quando isso acontecia, que infelicidade! Imaginem voltar à condição de ostra, depois de ter sido homem! Felizmente, não vemos mais essas coisas acontecerem hoje em dia – fisicamente, ao menos.

Vocês precisam saber que essas várias metamorfoses aconteciam por intermédio de feiticeiros. Os feiticeiros bons ajudavam a subir, os maus faziam descer e, quando estes últimos abusavam de seu poder, o Criador podia privá-los dele por algum tempo.

Desnecessário dizer que a fada Genirosa era uma feiticeira boa e que ninguém nunca se queixou dela.

Certa manhã, ela estava na sala de jantar de seu palácio – uma sala com tapeçarias magníficas e flores exuberantes. Os raios de sol passavam pela janela, tocando com seus dedos

luminosos as porcelanas e a prataria da mesa posta. A dama de companhia havia acabado de anunciar que o almoço estava servido – um almoço espetacular, que as fadas tinham o direito de fazer sem serem chamadas de gulosas. Mas assim que a fada se sentou, alguém bateu à porta do palácio.

A dama de companhia foi abrir e, um momento depois, avisou à fada Genirosa que um bonito rapaz desejava falar com ela.

– Mande o bonito rapaz entrar – disse Genirosa.

O rapaz era mesmo bonito, mais alto do que a média, o ar bondoso e destemido, e 22 anos de idade. Em resumo, tinha uma bela aparência. A primeira impressão da fada foi positiva. Ela pensou que, como tantos outros, o jovem estaria em busca de algo e se sentiu disposta a ajudar.

– O que quer de mim, bonito rapaz? – ela perguntou com sua voz mais doce.

– Boa fada – ele respondeu –, caí em desgraça, e a senhora é minha única esperança.

Como ele hesitasse em falar, Genirosa o incentivou:

– Explique-se. Como se chama?

– Meu nome é Rataniel – ele respondeu. – Não sou rico, mas não desejo fortuna. Vim em busca de felicidade.

– Então acredita que uma pode vir sem a outra? – replicou a fada, sorrindo.

– Sim.

– E tem razão. Prossiga, meu jovem.

– Há algum tempo – ele continuou –, antes de ser homem, eu era um rato e, como tal, fui muito bem acolhido por uma excelente família à qual eu contava me ligar pelo mais doce dos

laços. O pai, um rato muito sensato, gostava de mim. Talvez a mãe não me visse com bons olhos, porque não sou rico. Mas a filha deles, Ratine, me olhava com tanto carinho...! Enfim, eu provavelmente seria aceito na família, mas um grande infortúnio veio acabar com todas as minhas esperanças.

– O que aconteceu? – perguntou a fada, muito interessada.

– Em primeiro lugar, tornei-me homem, enquanto Ratine continuou rata.

– Então – respondeu Genirosa –, você só precisa esperar que a próxima transformação faça dela uma bela jovem.

– Sem dúvida, boa fada! Mas, infelizmente, Ratine era cobiçada por um poderoso senhor. Acostumado a ter todos os seus desejos satisfeitos, nada o deteve. Ele fez de tudo para saciar suas vontades.

– E que senhor era esse? – perguntou a fada.

– O príncipe Kissiacha. Ele convidou minha querida Ratine para viver em seu palácio, onde ela seria a mais feliz das ratas. Ela não aceitou, embora sua mãe, a senhora Ratânia, tenha ficado muito lisonjeada com o convite. O príncipe tentou então comprá-la por um valor muito alto; o pai, no entanto, o senhor Ratônio, sabendo o quanto sua filha me amava, e sentindo que eu morreria de tristeza se fôssemos separados, não quis nem ouvir sua proposta. Nem preciso dizer o quanto o príncipe Kissiacha ficou furioso. Vendo que Ratine era uma rata tão bonita, ele pensava que ela seria ainda mais bonita quando se tornasse mulher. Sim, boa fada, mais bonita ainda! E que casaria com ela! O que era bem razoável de sua parte, mas muito ruim para nós!

– Sim – respondeu a fada –, mas se o príncipe foi recusado, o que vocês tinham a temer?

– Tudo – continuou Rataniel –, pois para chegar a seus fins ele procurou Guardafogo...

– O feiticeiro? – exclamou Genirosa. – O bruxo que só sabe fazer o mal e que estou sempre combatendo?

– Ele mesmo, boa fada!

– O mesmo Guardafogo que está sempre utilizando seu poder para fazer as criaturas que se elevam aos níveis mais altos caírem o mais baixo possível?

– O próprio!

– Felizmente, Guardafogo acabou de ser privado de seu poder por algum tempo, pois andou abusando dele.

– É verdade – disse Rataniel –, mas quando o príncipe o procurou, ele ainda era poderoso. Seduzido pelas promessas de Kissiacha, tanto quanto assustado por suas ameaças, prometeu vingá-lo do menosprezo da família Raton.

– E... ele conseguiu?

– Conseguiu, boa fada!

– Como?

– Ele metamorfoseou os valorosos ratos! Transformou-os em ostras. E agora eles estão vegetando no viveiro de Tanaborda, onde esses moluscos – de excelente qualidade, devo dizer – valem cem reais a dúzia, o que é muito natural, pois a família Raton está entre eles! Entendeu, boa fada, o tamanho de minha desgraça?

Genirosa ouvia com compaixão e ternura o relato do jovem Rataniel. Ela de bom grado se apiedava dos sofrimentos humanos, principalmente dos amores impossíveis.

– O que posso fazer por você? – ela perguntou.

– Boa fada – respondeu Rataniel –, já que minha Ratine está presa no viveiro de Tanaborda, quero ser transformado em ostra, para ao menos ter o consolo de viver a seu lado!

Ele falou com tanta tristeza que a fada Genirosa ficou comovida. Pegando a mão do rapaz, disse-lhe:

– Rataniel, eu faria isso, se pudesse. Mas não posso rebaixar as criaturas na escala hierárquica dos seres vivos. No entanto, embora não possa reduzi-lo à condição de molusco, de fato muito modesta, posso elevar Ratine.

– Oh, boa fada! Sim, faça isso!

– Mas ela precisará passar pelos graus intermediários antes de voltar à forma da rata encantadora destinada a ser uma linda jovem. Portanto, seja paciente! Aceite as leis da Natureza. E tenha confiança...

– Em você, boa fada?

– Sim, em mim! Farei tudo o que estiver ao meu alcance. Não esqueça, porém, que enfrentaremos uma oposição violenta. O príncipe Kissiacha, apesar de ser o mais tolo dos príncipes, é um inimigo poderoso. E se Guardafogo recuperar seus poderes antes de você se tornar o marido da bela Ratine, será difícil vencê-lo, pois ele terá voltado a ser meu igual.

A fada Genirosa e Rataniel estavam nesse ponto de sua conversa quando uma pequena voz se fez ouvir. De onde saía aquela vozinha? Era difícil localizá-la.

A voz dizia:

– Rataniel! Meu pobre Rataniel, eu te amo!

– É a voz de Ratine – exclamou o rapaz. – Ah, dona fada, tenha piedade dela!

Rataniel parecia ter enlouquecido. Corria pela sala, olhava embaixo dos móveis, abria gavetas, pensava que Ratine podia estar escondida em algum lugar, mas não conseguia encontrá-la!

A fada deteve-o com um gesto.

Então, queridos leitores, uma coisa muito estranha aconteceu. Havia em cima da mesa, dentro de uma travessa de prata, meia dúzia de ostras que vinham justamente do viveiro de Tanaborda. Bem no centro da travessa estava a ostra mais bonita, que tinha uma concha brilhante, bem desenhada. E não é que ela cresceu, inchou, se desenvolveu e se abriu? Das dobras de sua carne se desprendeu uma figura adorável, com cabelos loiros como o trigo, os dois olhos mais doces do mundo, um pequeno nariz bem reto e uma boca encantadora que repetia:

– Rataniel! Meu querido Rataniel!

– É ela! – exclamou o jovem.

Era Ratine, de fato, ele a havia reconhecido. Pois vocês precisam saber, queridos leitores, que naquela época de magia, os seres vivos tinham rostos humanos, mesmo antes de terem chegado à forma de gente.

E como Ratine era bonita sob a madrepérola de sua concha! Parecia uma joia dentro de seu estojo.

E ela disse:

– Rataniel, meu querido Rataniel, ouvi tudo o que você acabou de dizer à boa fada, e a boa fada prometeu reparar o mal que o malvado Guardafogo nos causou. Oh, não me abandonem, pois ele me transformou em ostra para que eu não possa

fugir! O príncipe Kissiacha quer me tirar do viveiro onde moro com minha família e me levar para seu tanque particular à espera de que eu me torne uma mulher, quando perderei para sempre meu pobre e querido Rataniel!

Ela falou com tanta tristeza que o rapaz, profundamente comovido, mal conseguiu responder.

– Oh, minha Ratine! – ele murmurou.

Num impulso de ternura, ele estendeu a mão na direção do pequeno molusco, mas a fada o deteve. Depois de retirar delicadamente uma pérola magnífica que se formara no fundo da concha, ela disse:

– Fique com essa pérola.

– Essa pérola, boa fada?

– Sim, ela vale uma fortuna e poderá ser útil mais tarde. Agora vamos levar Ratine de volta ao viveiro de Tanaborda, onde farei com que suba um nível.

– Sozinha não, boa fada – pediu Ratine, com voz suplicante. – Não se esqueça de meu bom pai Ratônio, de minha boa mãe Ratânia, de meu primo Ratão! E de nossos fiéis empregados Ratorello e Ratolina!

Enquanto falava, as duas partes de sua concha começaram a fechar e voltaram ao tamanho original.

– Ratine! – exclamou o jovem rapaz.

– Pegue-a! – disse a fada.

Depois de pegá-la, Rataniel pressionou a concha contra os lábios. Dentro dela não estava tudo o que ele tinha de mais precioso no mundo?

TÍTULO ORIGINAL *Aventures de la famille Raton*
TEXTOS Jules Verne

Copyright das ilustrações © 2021 por Catarina Bessell
TRADUÇÃO Julia da Rosa Simões
CAPA E PROJETO GRÁFICO Tereza Bettinardi
REVISÃO DE TEXTO Jó Saldanha
COORDENAÇÃO EDITORIAL E TEXTO DO POSFÁCIO Paula Taitelbaum

76 páginas, 17,5 cm × 23 cm
Impresso no Brasil – Inverno de 2021

*Esse livro segue o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

Copyright da edição © 2021 por Editora Piu
Esta obra não pode ser reproduzida ou transmitida, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou quaisquer meios (físicos ou digitais), sem a permissão da Editora Piu. Mas é claro que se você compartilhar pequenos trechos ou divulgar a capa nas suas redes sociais a gente não vai se importar. Ao contrário, vamos ficar bem contentes.

Dados Internacionais e Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Verne, Jules, 1928-1905
As aventuras da família Raton / Jules Verne; tradução Julia da Rosa Simões; ilustrações Catarina Bessel. – Porto Alegre: Editora Piu, 2021.

ISBN 978-85-93660-16-0

1. Contos – Literatura infantojuvenil. I. Bessel, Catarina. II. Título

19-29808 CDD – 028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Contos: Literatura infantojuvenil 028.5
2. Contos: Literatura juvenil 028.5

Bibliotecária responsável: Cibele Maria Dias CRB-8/9427

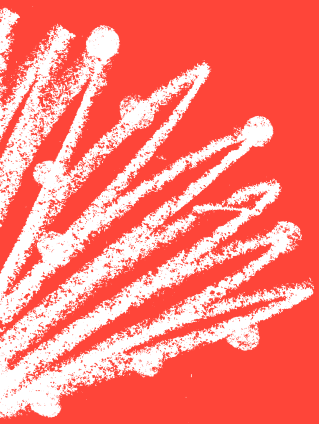
AMBASSADE DE FRANCE AU BRÉSIL
*Liberté*
*Égalité*
*Fraternité*

Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication année 2021 Carlos Drummond de Andrade de l'Ambassade de France au Brésil, bénéficie du soutien du Ministère de l'Europe et des Affaires étrangères.

Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio à Publicação ano 2021 Carlos Drummond de Andrade da Embaixada da França no Brasil, contou com o apoio do Ministério francês da Europa e das Relações Exteriores.

**Editora Piu**
www.editorapiu.com.br
editorapiu@editorapiu.com.br
facebook.com/editorapiu
instagram.com/editorapiu

Era uma vez uma família de ratos formada pelo pai Ratônio, pela mãe Ratânia, pela filha Ratine e pelo primo Ratão. Seus empregados eram o cozinheiro Ratorello e a criada Ratolina. Esses admiráveis roedores viveram aventuras tão extraordinárias, queridos leitores, que não posso deixar de contá-las a vocês. Tudo aconteceu no tempo das fadas e dos feiticeiros – época em que os animais ainda falavam. Imagino que seja desse período que venha a expressão "dizer besteiras". No entanto, as bestas não diziam mais besteiras do que os homens sempre disseram e ainda dizem! Então prestem atenção, pois a história já vai começar.



AMBASSADE
DE FRANCE
AU BRÉSIL
*Liberté*
*Égalité*
*Fraternité*

ISBN 978-85-93660-16-0

PIU